

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**ALINE VARGAS STAWINSKI**

**A SUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM: ASPECTOS LINGUÍSTICOS**

**ORIENTADORA: PROF. DRA. LUIZA MILANO SURREAUX**

**PORTO ALEGRE**

**2013**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

ALINE VARGAS STAWINSKI

A SUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM: ASPECTOS LINGUÍSTICOS

Monografia apresentada como requisito para obtenção do  
Grau de Licenciatura em Letras – Português, Inglês e  
Literatura pelo Instituto de Letras da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

ORIENTADORA: PROF. DRA. LUIZA MILANO SURREAUX

PORTO ALEGRE

2013

## **AGRADECIMENTOS**

À Cátia Lisiane Bacedo de Vargas, pelo incentivo de empreender esta caminhada.

Ao Heitor de Sousa Miranda, pelo apoio, confiança e carinho.

À Carla Severo Trindade, Renata Einsfeld e Tanisa Burchert Miranda, pela companhia.

À Luiza Milano Surreaux, pelo aprendizado além da orientação, e ao grupo de estudos, pela oportunidade de discussão e pela parceria.

Aos professores do Instituto de Letras que me inspiraram para seguir em frente.

a língua é impronunciável  
se engana quem pensa  
que fala a língua  
: falácia  
    as falas são acidentes  
    incidentes no acaso  
    discurso no percurso  
    incurções nas minas  
    excursões aos recursos  
a língua não se fala  
a língua só se trama  
que a língua é rede  
rede de balançar  
: maca de linho puído  
rede de pescar  
: tarrafa de linha frágil  
    o que se diz é o balanço  
    : o ritmo do balanço  
    na disritmia do ato  
    o que se fala é o peixe  
    : feixe de prata que salta à flor d'água  
    brilha e remergulha  
    no leito da língua líquida  
a língua é indizível  
intransponível  
destruidora de pontes  
e já por isso  
passível de tradução  
    o que se traduz é o que se diz  
    no ritmado da rede  
    : cada cadência  
    no lampejo do peixe  
    : desleixo incapturado  
a língua é uma forma de vida  
uma vida sem fôrma  
sempre uma forma devida  
    a língua não se fala  
    : como dar voz ao que só é?  
a língua é sempre falha  
fagulha no fogo de palha  
do pálido ser

THE UNSPEAKABLE LANGUAGE  
Marcos Bagno

## RESUMO

Este trabalho procura investigar a questão da subjetividade na linguagem nos estudos linguísticos a partir das considerações de Michel Bréal, Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste, visto que cada um deles, de alguma forma, contribuiu com a discussão sobre o lugar do falante na linguística. Para isso, em Bréal, nos debruçamos sobre três capítulos do *Ensaio de Semântica* (1897/2008): “O elemento subjetivo”, “A linguagem educadora do gênero humano” e “A linguística é uma Ciência Natural?”, que nos ajudam a refletir sobre o aspecto fundamental do elemento subjetivo na língua. De Saussure, levamos em conta alguns capítulos do *Curso de Linguística Geral* (1916/2006) que permitiram a discussão acerca da interdependência entre língua e fala, como “O objeto da linguística”, “Imutabilidade e mutabilidade do signo”, “Linguística da língua e linguística da fala” e “A linguística estática e a linguística evolutiva”, a fim de vislumbrarmos a questão do sujeito falante em Saussure. De Benveniste, trabalhamos com capítulos de *Problemas de Linguística Geral I e II* (1966/1991, 1974/1989) que se relacionam com o homem na língua, como em “A natureza dos pronomes”, “Da subjetividade na linguagem”, “Estrutura das relações de pessoa no verbo”, “O aparelho formal da enunciação”, entre outros, que oportunizam a discussão a respeito das categorias de pessoa, subjetividade e intersubjetividade, fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Buscamos, assim, fundamentar o estudo da subjetividade na linguagem a partir de elementos da língua, partindo de autores cujos trabalhos possibilitaram a consideração do aspecto singular do ato de fala, sem abrir mão da regularidade. No decorrer do trabalho, procuramos aproximar a reflexão estabelecida por estes três autores, em um percurso que se propõe a retomar o lugar do falante nos estudos linguísticos.

**Palavras-chave:** subjetividade na linguagem, ato de fala, enunciação

## RÉSUMÉ

Ce travail cherche à explorer la question de la subjectivité dans le langage aux études linguistiques à partir des considérations de Michel Bréal, Ferdinand de Saussure et Émile Benveniste, puisque chacun d'eux, d'une certaine façon, a contribué à la discussion sur la place du sujet parlant en linguistique. Pour cela, dans Bréal, nous examinons trois chapitres d'*Éssai de Sémantique* (1897/2008) : « L'élément subjectif », « Le langage éducateur du genre humain » et « La linguistique est-elle une science naturelle ? », qui nous aident à réfléchir sur l'aspect fondamental de l'élément subjectif dans la langue. De Saussure, nous considérons quelques chapitres du *Cours de linguistique générale* (1916/2006) qui ont permis la discussion de l'interdépendance de la langue et de la parole, comme « Objet de la linguistique », « Linguistique de la langue et linguistique de la parole », « Immutabilité et mutabilité du signe » et « La linguistique statique et la linguistique évolutive », afin de voir la question du sujet parlant dans Saussure. De Benveniste, nous travaillons dans les chapitres de *Problèmes de linguistique générale* I et II (1966/1991, 1974/1989) qui se rapportent à l'homme dans la langue, comme « La nature des pronoms », « De la subjectivité dans le langage », « Structure des relations de personne dans le verbe », « L'appareil formel de l'énonciation », d'entre autres, qui nourrissent le débat sur les catégories de personne, sur la subjectivité et l'intersubjectivité, fondamentales pour le développement de ce travail. Ainsi, nous cherchons à baser l'étude de la subjectivité dans le langage à partir d'éléments de la langue, en partant des auteurs dont le travail a possibilité la prise en compte de l'aspect singulier de l'acte de parole, sans laisser de côté la régularité. Pendant le travail, nous cherchons à rapprocher la réflexion établie par ces trois auteurs, dans un parcours qui a l'intention de reprendre la place du sujet parlant dans les études linguistiques.

**Mots-clés :** Acte de parole ; Énonciation ; Subjectivité dans le langage.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
<b>1 BRÉAL E A SUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM.....</b>	<b>11</b>
<b>1.2 O elemento subjetivo.....</b>	<b>11</b>
<b>1.3 A linguagem educadora do gênero humano .....</b>	<b>14</b>
<b>1.4 A Linguística é uma Ciência Natural? .....</b>	<b>16</b>
<b>2 SAUSSURE: A SUBJETIVIDADE PELA FALA.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1 O objeto do linguista.....</b>	<b>19</b>
2.1.1 <i>A relação falante/ouvinte no CLG .....</i>	<i>20</i>
2.1.2 <i>Indissociabilidade entre língua e fala.....</i>	<i>22</i>
<b>3 BENVENISTE E O HOMEM NA LÍNGUA.....</b>	<b>26</b>
<b>3.1 Benveniste e os princípios da enunciação.....</b>	<b>26</b>
<b>3.2 Subjetividade na língua: singularidade do dizer.....</b>	<b>28</b>
3.2.1 <i>O homem na língua – um objeto a ser descoberto.....</i>	<i>31</i>
<b>4 A SUBJETIVIDADE NA LINGUÍSTICA: BRÉAL, SAUSSURE E BENVENISTE .....</b>	<b>34</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>39</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca investigar o conceito de subjetividade na linguagem no terreno da linguística a partir de teóricos que de alguma forma lidaram com o lugar do falante no ato de fala. Visto que este conceito é objeto de estudo em outros campos (psicologia, psicanálise, filosofia, entre outros) acompanharemos os impasses destas reflexões no âmbito da linguística à procura da forma como a área tem lidado com a condição subjetiva/singular do falante. Nesse sentido, a partir de uma investigação teórica, buscaremos o lugar do estudo da subjetividade na linguagem, não como exterioridade teórica, mas como um compromisso do estudioso da linguagem com aquele que assume um lugar no ato de fala.

Assim, trabalharemos com três autores principais: Michel Bréal, Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. Partiremos, primeiramente, das considerações sobre a subjetividade na linguagem feitas por Bréal em seu *Ensaio de Semântica*<sup>1</sup>, tendo como foco as análises sobre o elemento subjetivo da língua. O estudo sobre a subjetividade na linguística convida-nos, também, a reler o *Curso de Linguística Geral (CLG)*<sup>2</sup>, de Saussure. Ressalta-se a importância de revermos o CLG no que se refere às suas considerações sobre *língua, linguagem e fala*, tríade que abrirá caminhos para se refletir sobre a importância do falante para a linguística saussuriana, visto que, não raramente, atribui-se ao linguista genebrino a exclusão da fala dos estudos linguísticos. Buscaremos, além disso, abrigo nas formulações presentes nos *Problemas de Linguística Geral (PLG)*<sup>3</sup> de Benveniste, estudioso conhecido como o principal responsável pelos estudos do homem na língua, a partir do campo que hoje se conhece como a linguística da enunciação<sup>4</sup>.

Ressaltamos que o estudo não pretende ser exaustivo, visto que o movimento do analista é sempre um recorte, e a própria escolha de autores e obras é uma seleção restritiva, tendo-se em vista o escopo do trabalho. Espera-se, no entanto, contribuir com os estudos da área, dialogando com os mestres e seus leitores.<sup>5</sup> Teremos como limite os estudos que se inscrevem no campo da enunciação, visto que, segundo o *Dicionário de linguística da*

---

<sup>1</sup> As referências ao *Ensaio de Semântica* de Bréal também poderão ser feitas pelo termo *Ensaio*.

<sup>2</sup> Doravante, as referências ao *Curso de Linguística Geral* serão feitas pela sigla CLG ou ainda por *Curso*.

<sup>3</sup> As referências aos *Problemas de Linguística Geral* serão feitas pela sigla PLG I ou PLG II.

<sup>4</sup> Sabe-se que o campo da enunciação é bastante vasto, mas como todo estudo, foi necessário operar um recorte. Recomendamos a leitura do prefácio do *Dicionário de linguística da enunciação* (Flores et al. 2009) para que se tenha uma ideia ampla das possibilidades do campo das teorias da enunciação.

<sup>5</sup> Roman Jakobson também considerou a forma singular com que o falante se coloca na língua através da fala. As noções de *shifter*, metáfora e metonímia, função poética e estilo podem ajudar-nos a pensar no lugar da subjetividade na linguagem. No momento, não mergulharemos em Jakobson, que merece ser estudado em um próximo trabalho.

*enunciação* (2009)<sup>6</sup> “as teorias da enunciação levam em conta o elemento subjetivo, não como acessório, mas como parte essencial da descrição linguística (2009, p.22), lembrando que as teorias da enunciação não contemplam a noção de sujeito propriamente dita, e sim “a representação que a enunciação dele fornece” (op. cit. p.22), a partir de índices linguísticos estudados particularmente por Bréal e Benveniste. O *Dicionário* também aponta a presença de princípios saussurianos nas teorias da enunciação, chamando a atenção para os conceitos de língua e fala. Sendo assim, é fundamental que retomemos o CLG para o desenvolvimento deste trabalho. A escolha dos três linguistas se dá pela ligação entre seus estudos, direta ou indireta, além de que Bréal, Saussure e Benveniste detiveram-se em aspectos linguísticos, sem depender de exterioridades teóricas. Vejamos, brevemente, uma introdução sobre estes linguistas.

Michel Bréal (Baviera, 1832-1915) seguiu, fundamentalmente, três campos de estudo: inscrições antigas e mitos, linguística histórica, e questões relativas ao ensino (Flores et al, 2009). No *Ensaio de Semântica*, publicado primeiramente em 1897, o leitor pode vislumbrar a variedade de tópicos abordados pelo estudioso, sem perder de foco o problema da linguagem e do sentido, sempre vinculados ao homem. Michel Bréal patrocinou os estudos de Saussure durante o ano de 1880. Como veremos mais adiante, algumas relações podem ser estabelecidas entre os estudos brealinos e saussurianos. Bréal situava a linguística no campo das ciências humanas, contrariamente à tendência de se colocar as ciências da linguagem ao lado das ciências naturais. Saussure não se afasta desse princípio – ambos negam a língua como um fenômeno natural. Além disso, Bréal, apesar de não formalizar uma teoria do valor, já vislumbrava o problema ao refletir sobre a significação. O linguista também lançou mão do estudo do signo linguístico, apesar de não separá-lo da palavra<sup>7</sup>. Quanto a Benveniste, as influências exercidas por Bréal são mais claras e conhecidas. Apesar da ausência de referências diretas nos artigos dos *Programas de Linguística Geral*, sabe-se que o estudioso, assim como patrocinou Saussure, foi mestre de Benveniste, cujos estudos sobre a natureza dos pronomes estão filiados às considerações de Michel Bréal a respeito da particularidade das categorias de pessoa e não-pessoa nos pronomes.

Ferdinand de Saussure (Genebra, 1857-1913) é considerado o fundador da linguística, responsável pela delimitação do objeto de estudo do linguista: a língua. Durante o exercício de docência na Universidade de Genebra, o professor ministrou três cursos de linguística

---

<sup>6</sup> Faremos referência à obra utilizando o termo *Dicionário*.

<sup>7</sup> “As palavras são signos: elas não têm mais existência que os sinais do telégrafo aéreo ou os pontos e traços (-) do telégrafo Morse” (Bréal, 2008, p.168).

geral, que resultaram, postumamente, no *Curso de Linguística Geral*. Organizado pelos então colegas de Ferdinand de Saussure Charles Bally e Albert Sechehaye, a obra foi primeiramente publicada em Genebra, 1916, a partir das notas de aula dos alunos, comparadas com raras anotações deixadas pelo próprio Saussure encontradas na época. Não ignoramos a existência e importância de outras fontes dos escritos de Saussure, porém, o foco deste trabalho se manterá no CLG, abordando as noções de língua, linguagem e fala, que nos levarão às considerações sobre o aspecto individual e social da linguagem, resultando, finalmente, na reflexão sobre a relevância do papel do falante na perspectiva saussuriana. Procuraremos situar as relações inseparáveis entre linguagem-língua-fala, reafirmando o lugar da linguística da fala presente no CLG, buscando, assim, abertura para a noção de subjetividade na linguagem, que será explicitamente abordada por Émile Benveniste.

Benveniste (Síria, 1902-1976), naturalizado na França em 1924, foi um grande estudioso da linguagem, inscrito na linguística da enunciação – definida por Flores de “linguística da interlocução” (2005, p.136). No artigo citado, “Por que gosto de Benveniste?”, Flores defende a singularidade e inovação dos princípios benvenistianos, apontando a importância da perspectiva enunciativa em um momento de generalizações e regularidades que excluem os desvios possibilitados pela língua: a enunciação é inclusiva, na medida em que “o campo do singular não despreza a regularidade, mas também não se encerra nela.” (FLORES, 2005, p.136). A enunciação, assim, só se dá na esfera do indivíduo – “o geral que serve para o particular, não o geral que serve para o geral” (op. cit. p.136). Tendo isso em mente, Benveniste é um linguista fundamental para o estudo da subjetividade na linguagem, e por isso, objeto de nosso estudo. Publicado em 1966, o *Problemas de Linguística Geral* reúne vários artigos e conferências de Benveniste. Tanto o PLG I quanto o PLG II são divididos em seis partes, sendo estas: *Transformações da linguística; A comunicação; Estruturas e análise; Funções sintáticas; O homem na língua; e Léxico e cultura*. O foco do nosso estudo pede que nos debruçemos particularmente sobre os capítulos que lidam com o homem na língua.

É a partir das relações entre os conceitos e propostas de estudo destes três linguistas que trabalharemos nos seguintes capítulos, buscando a forma como a subjetividade foi sendo abordada pela linguística.

## 1 BRÉAL E A SUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM

Bréal já discutia, em 1897 em seu *Ensaio de Semântica*, questões importantes que seriam retomadas tanto por Ferdinand de Saussure quanto por Émile Benveniste, resguardando seus pontos de afastamento. No que se refere ao linguista genebrino, Bréal, anteriormente, vislumbrava questões que podemos associar com as noções de *valor* e *relações associativas*, por exemplo, como observa Seide em sua tese sobre o *Ensaio*: “a proposta de que, numa série lexical, o desaparecimento de um termo afeta todos os demais também faz lembrar a noção saussuriana de significação como determinada pelo valor dos signos” (2006, p.66). Com relação a Benveniste, se sabe que Bréal antecipou a discussão sobre a relação do homem com a língua. No seu artigo “A Linguística é uma Ciência Natural?”, já dizia que “a linguagem é um ato do homem: ela não tem realidade fora da atividade humana”, acrescentando, ainda, que “tudo, na linguagem, vem do homem e se endereça ao homem” (2008, p.195).

Nos deteremos em algumas passagens<sup>8</sup> de três capítulos do *Ensaio de Semântica*: “O elemento subjetivo”, “A linguagem educadora do gênero humano” e “A Linguística é uma Ciência Natural?”. Os dois primeiros artigos fazem parte da obra desde sua primeira publicação, em 1897; o último foi anexado à obra a partir de sua terceira edição, publicada em 1904<sup>9</sup>. Estes capítulos apresentam considerações sobre a subjetividade na linguagem, importantes de serem destacadas para cumprir-se o objetivo deste estudo. Seguimos, assim, para uma leitura mais detalhada.

### 1.2 O elemento subjetivo

Michel Bréal, ao fazer considerações sobre o que chama de ‘elemento subjetivo’, discute e analisa exemplos que lidam com a subjetividade, definida como um aspecto que faz parte da linguagem. O autor, ao fazer uma analogia entre o gênero dramático e a linguagem, considera que

---

<sup>8</sup> As passagens escolhidas têm relação direta com o tema do presente trabalho. Por questão de delimitação, não nos deteremos em observações que fogem à especificidade do tema da subjetividade na linguagem.

<sup>9</sup> A terceira edição do *Ensaio de Semântica* traz em anexo mais quatro artigos de Bréal: “A Linguística é uma Ciência Natural?”, “O que se chama pureza da língua?”, “A história das palavras” e “As origens do verbo”.

Se é verdade, como se pretendeu, algumas vezes, que a linguagem é um drama em que as palavras figuram como atores e em que o agenciamento gramatical reproduz os movimentos dos personagens, é necessário pelo menos melhorar essa comparação por uma circunstância especial: o produtor [falante] intervém frequentemente na ação para nela misturar suas reflexões e seu sentimento pessoal, não à maneira de Hamlet que, mesmo interrompendo seus atores, permanece alheio à peça, mas como nós mesmos fazemos no sonho, quando somos ao mesmo tempo espectador interessado e autor dos acontecimentos (Bréal, 2008, p.157).

O falante, então, ao mesmo tempo que produz sua fala, mistura nela suas intenções, suas reflexões e seu sentimento pessoal como citado anteriormente, manifestando assim a sua subjetividade na língua, que será refletida concretamente em aspectos formais, separados por Bréal em três grupos: (1) palavras ou membros de frase, (2) formas gramaticais, (3) plano geral das línguas. Ao analisar a escolha de palavras, de determinados advérbios, pronomes, adjetivos etc, Bréal procura dar materialidade linguística à subjetividade.

Para o estudioso, a subjetividade é a "parte mais antiga da linguagem" (2008, p.157). A fim de analisar este aspecto da linguagem, Bréal lança mão de alguns exemplos que denunciam a subjetividade presente ao se fazer uso da língua. Parte, então, da observação do papel dos advérbios, chamando a atenção para a presença do "sentimento do narrador" expresso nas frases, como no enunciado exemplificado: "A esta hora, *sem dúvida*, ele já chegou" (Bréal, 2008, p.158), no qual, segundo o autor, "*sem dúvida* não diz respeito ao viajante" (op.cit., p.158), mas ao falante que expressa sua certeza a partir de uma forma linguística; "*sem dúvida*" não tem relação com o fato de alguém ter ou não chegado de viagem, mas sim com a certeza de quem fala sobre determinado assunto. É a partir de elementos linguísticos que Bréal analisa esse elemento da subjetividade na linguagem, trabalhando com aspectos interiores à língua, sem esquecer dos efeitos que isso provoca em interlocução.

Bréal também apresenta, como parte da natureza da linguagem, o par objetividade/subjetividade. A objetividade está associada ao aspecto descritivo da língua (que seria mais objetivo, no sentido de que não expressaria a opinião de quem fala), enquanto que a subjetividade ficaria associada às impressões do falante exposta a partir de determinadas formas linguísticas. Estas impressões são "reflexões ou apreciações do narrador" (2008, p.157), exemplificadas a partir de índices linguísticos. Em "O elemento subjetivo", Bréal exemplifica essa dualidade a partir de advérbios, conjunções e modos verbais. Note-se que, segundo Bréal,

as conjunções que marcam os **diferentes membros do meu raciocínio** dizem respeito à **parte subjetiva**. Elas fazem apelo ao entendimento, elas

tomam como testemunho da verdade e do encadeamento dos fatos. Elas não são, pois, da mesma ordem que as palavras que me servem para expor os próprios fatos" (2008, p.158, grifos nossos).

Observa-se que Bréal reconhece a particularidade de alguns termos para a expressão mais evidente da subjetividade. Veremos mais adiante que Benveniste aproxima-se de Bréal neste sentido. É importante notar que ao distinguir termos em objetivos/subjetivos, tem-se a impressão de que apenas determinados itens da língua se prestam à expressão da subjetividade, mas sabemos que, para Bréal, toda a linguagem é fundada no próprio aspecto subjetivo, visto que homem e língua são inseparáveis. Não deve-se pensar, portanto, que estes dois aspectos da linguagem – objetividade/subjetividade – são estanques. Segundo Bréal, ambos estão intimamente ligados. Sabemos que para o autor a língua não possibilita a exposição pura e simples de “fatos”, que não sofrem influência do falante. Cabe observar que todo dizer está permeado por escolhas de quem fala, tendo em vista que cada dizer é singular, como veremos mais adiante em Benveniste.

Ao analisar o elemento subjetivo da linguagem, Bréal também considerou aspectos da fala. Sobre os modos verbais, observa que o imperativo é o modo mais representativo da subjetividade, pois “ele une, à ideia da ação, a ideia da vontade daquele que fala” (Bréal, 2008, p.160). A “vontade” está associada ao desejo do falante de expressar-se:

É verdade que se procuraria em vão, na maior parte das formas do imperativo, as sílabas que expressam especialmente essa vontade. É o **tom de voz**, o aspecto da **fisionomia**, é a atitude do corpo que são encarregados de expressá-la. Não se pode fazer abstração desses elementos que, por não serem representados pela escrita, não são menos **parte essencial da linguagem** (2008, p.160, grifos nossos).

A observação nos lembra o CLG, na passagem em que Saussure define língua como “a linguagem menos a fala” (CLG, p.92). A linguagem é mais abrangente que a língua, pois é heteróclita e multiforme, abarcando, assim, elementos que fogem à língua, sistema de valores. Ainda sobre o aspecto subjetivo, Bréal sugere que se passe a olhar “de que ponto de vista o homem agenciou sua linguagem” (Bréal, 2008, p.161), visto que “o homem ao falar está tão longe de considerar o mundo como observador desinteressado que se pode julgar, ao contrário, que a parte que ele se dá a si mesmo na linguagem é desproporcionada” (Bréal, 2008, p.161). É a partir dessa consideração que nos deparamos com as considerações do estudioso com relação às pessoas verbais (eu, tu) e à não-pessoa (ele):

Sobre as três pessoas do verbo, há uma que ele se reserva de modo absoluto (a que se convencionou chamar a *primeira*). Desse modo, ele opõe sua individualidade ao resto do universo. Quanto à segunda pessoa ela não nos

distancia muito de nós mesmos, já que a segunda pessoa não tem outra razão de ser que a de achar-se interpelada pela primeira. Pode-se, pois, dizer que só a terceira pessoa representa a porção objetiva da linguagem (Bréal, 2008, p.161).

Nesta passagem, Bréal anuncia o que mais tarde seria aprofundado por Benveniste em escritos como “Estrutura das relações de pessoa no verbo”, de 1946, e em “A natureza dos pronomes”, de 1956<sup>10</sup>. Nos deteremos nestes textos no capítulo que discute Émile Benveniste. Por enquanto, é interessante observar como Bréal define as três pessoas do verbo: a primeira pessoa *opõe sua individualidade ao resto do universo*; já a segunda não tem razão de ser se não é *interpelada pela primeira* pessoa; resta à terceira, então, a *porção objetiva da linguagem*. Benveniste partirá das distinções entre eu-tu-ele (afinal, na língua, o que importa é *ser o que os outros não são*). Retomaremos as categorias de pessoa e não-pessoa no decorrer do trabalho.

### 1.3 A linguagem educadora do gênero humano

Neste capítulo do *Ensaio de Semântica*, Bréal situa a linguagem no seio das relações humanas, posicionando-se contrariamente às tentativas de se colocar a linguística no campo das ciências da natureza. O estudioso faz interessantes observações acerca da linguagem, incluindo considerações sobre a aquisição e sua relação com o elemento subjetivo, quando, por exemplo, observa:

A frase mais simples é um convite a decompor o pensamento e ver o que cada palavra lhe traz. O adjetivo e o verbo são as primeiras abstrações compreendidas pela criança. Os pronomes eu e tu, meu e teu, que, mudando de boca, se transpõem de um a outro, contêm sua primeira lição de psicologia (Bréal, 2008, p.163).

O autor afirma que “não é difícil compreender a ação que a linguagem exerce sobre o espírito, se se refletir que **cada um de nós não a recebe em bloco e de uma só vez, mas é obrigado a reconstituí-la de novo**” (Bréal, 2008, p.164, grifos nossos). O que é essa reconstituição da linguagem, se não a apropriação pelo indivíduo da língua?<sup>11</sup> Essa reconstituição já mostra o aspecto subjetivo como imprescindível na realização da língua.

---

<sup>10</sup> Referências de ano do PLG I.

<sup>11</sup> No capítulo sobre Benveniste, veremos a questão da subjetividade na apropriação individual da língua, que constitui a subjetividade.

Quanto ao falante, Bréal igualmente faz observações fundamentais, que se referem ao emprego da língua e à constituição de *valor* que cada palavra adquire:

Se fosse preciso enumerar e explicar todos os empregos de nossas preposições, far-se-ia um volume. No dicionário Littré, só para a palavra *à*, há nada menos que doze colunas. Entretanto, **o povo não tem dificuldade nesse aparente caos**. E isso **graças a uma noção mais ou menos nítida do valor da palavra**: assim como os linguistas, o povo não poderia dar uma definição que conviesse a todos os empregos (Bréal, 2008, p.164, grifos nossos).

O falante é, logicamente, conhecedor da língua, e capaz de significar e de compreender a partir da relação de valores que as palavras ganham em relação umas às outras. Apesar de não ter desenvolvido uma teoria do valor, como fez Saussure, Bréal reconhece a importância do emprego da língua e as relações significativas que cada termo ganha conforme os elementos que o circundam. Nota-se, porém, que Bréal não diferenciava ‘palavra’ de ‘signo’, mas fazia uma distinção entre ‘signo’ e ‘ideia’:

Depois de terem sido primeiramente, e bem no começo, associadas ao conceito, as palavras não tardam a substituí-lo e tomar o seu lugar: **comparamos, encadeamos, opomos os signos, não as ideias**. É verdade que atrás desses signos subsiste uma meia lembrança, um quarto de lembrança, um décimo de lembrança da ideia que ele representa, e **nós temos interiormente o sentimento de que, se quisermos, poderemos restituir à ideia sua nitidez** (Bréal, 2008, p. 165, grifos nossos).

A linguagem, então, é indissociável do homem: “À medida que a experiência do gênero humano aumenta, as palavras, graças a sua elasticidade, adquirem um sentido novo” (Bréal, 2008, p.166), acompanhando seu desenvolvimento em sociedade. Essa relação necessária, indispensável, dá espaço para que Bréal afirme o lugar da linguística nas ciências humanas, já que vê a linguagem como vinculada à história. Critica, portanto, a insistência em se chamar a linguagem de organismo, na tentativa de compará-la com fenômenos naturais, argumentando que

Se, por causa da fonética, que estuda os sons da língua, que são produzidos pela laringe e pela boca, fosse necessário ligar a linguística às ciências naturais, nada poderia impedir de colocar-se nas ciências naturais todo o resto, porque **as produções humanas, sejam elas quais forem, vêm, em última análise, dos órgãos do homem e se dirigem a esses órgãos** (Bréal, 2008, p.168, grifos nossos).

Tal é a importância do sujeito na linguagem: o homem sempre fala a outro homem. Produção e recepção são inseparáveis pelo princípio de que qualquer produção humana

depende da produção de um homem que está se dirigindo a outro, capaz de ser atingido e de agir igualmente por meio da linguagem.

#### 1.4 A Linguística é uma Ciência Natural?

Neste artigo, anexado ao *Ensaio de Semântica* na sua terceira edição, Bréal, novamente, posiciona-se contra os linguistas que equiparam a língua a fenômenos da natureza no intuito de situar a linguística nas ciências naturais. O autor defende a relação inseparável da língua com a história, e por isso, insere a linguística no campo das humanidades: relembremos que a linguagem, para Bréal, “não tem realidade fora da atividade humana” (2008, p. 195):

A linguagem tem sua morada e sua sede em nossa inteligência; não seria possível concebê-la em outro lugar. Se ela nos precede, e sobrevive a nós, é que ela existe na inteligência de nossos concidadãos como na nossa, é que ela existiu antes de nós em nossos pais, e de nossa parte nós a transmitimos a nossos filhos. Ela é feita pelo consentimento de muitas inteligências, do acordo de muitas vontades, umas presentes e atuantes, outras depois de muito tempo desfeitas e desaparecidas (2008, p.197).

Logo, como vimos acima, a linguagem é parte do homem e inseparável deste. Colocar a linguagem nos fatos humanos, para Bréal, não a torna secundária. O autor, além disso, é contra a ideia de associar o aspecto fisiológico da produção da fala como aspecto fundamental da linguagem, justamente por tentar quebrar com a lógica das ciências da natureza. Neste sentido, assim como também encontraremos em Saussure e em Whitney<sup>12</sup>, Bréal defende que “os órgãos da voz são os servidores e não os mestres da linguagem” (2008, p.199), visto que

Se a língua se modifica simultaneamente na boca de todo um grupo de homens, **isso não se deve a que os órgãos da fala sofram no mesmo momento, em toda uma população, uma mudança idêntica.** Há para essa **marcha simultânea** uma razão mais simples e mais comum, que é, de um

---

<sup>12</sup> Podemos encontrar, em Whitney, passagens onde se posiciona contra a ideia de língua como um organismo vivo: “as analogias entre o nascimento, o desenvolvimento, a decadência e a extinção de uma língua e o crescimento, desenvolvimento e a morte de um ser organizado ou de uma espécie foram muito frequentemente objetos de investigação. Estas analogias até mesmo conduziram à ideia de que a linguagem seria um organismo, submetido às mesmas condições e governado por leis inteiramente estranhas à atividade humana (Whitney, 2010, p.45). Saussure faz referência à ideia de Whitney no *Curso*: “Assim, para Whitney, que considera a língua uma instituição social da mesma espécie que todas as outras, é por acaso e por simples razões de comodidade que nos servimos do aparelho vocal como instrumento da língua; os homens poderiam também ter escolhido o gesto para e empregar imagens visuais em lugar de imagens acústicas” (CLG, p.17).

lado, o instinto da imitação, e, de outro, a necessidade de ser compreendido. A **fala** é, antes de tudo, **um meio de comunicação** (2008, p.202, grifos nossos).

Há, no entanto, diferenças de posicionamento quanto à afirmação de Bréal de que a fala é um meio de comunicação. Saussure, como será discutido mais adiante, coloca língua e fala em interdependência. Benveniste defende que a comunicação é apenas uma consequência pragmática da existência da linguagem no homem, e salienta que a linguagem não deve ser vista como mero instrumento de comunicação, já que, para Benveniste, “falar de instrumento é pôr em oposição o homem e a natureza” (PLG I, p.285) Retomaremos esta discussão mais adiante, no capítulo sobre Émile Benveniste.<sup>13</sup>

Quanto à questão social/individual da linguagem, que será trabalhada mais detalhadamente no capítulo sobre Saussure, Bréal aponta que “a proporção da força do indivíduo, comparada à força do conjunto, é maior” (p. 202). Ou seja, para o autor, é do falante, via o elemento subjetivo, que emanará a mutabilidade da língua – sem ignorar, certamente, que, para Bréal, a mudança, apesar de iniciar no nível individual, só se estabelece se adotada pelo conjunto de falantes. Note-se que podemos identificar, aí, a indissociabilidade dos níveis individual e social no que se refere à mudança da língua, indissociabilidade esta que será discutida por Saussure ao refletir sobre as particularidades do que considera *língua* (social) e do que considera *fala* (individual). Bréal salienta, mais uma vez, a questão da força da maioria (o aspecto social) no desenvolvimento da língua, lançando mão de um exemplo sobre o período de aquisição da língua pela criança:

Esses **embriões de línguas** [presentes na fala da criança] não têm entre nós nenhuma chance de permanecerem, pois **a ação individual é anulada pela maioria, comprimida pela escola, neutralizada pela vida pública**. Mas essas variações, nas pequenas vilas, favorecidas pelas circunstâncias, podem dar nascimento aos dialetos (Bréal, 2008, p.202, grifos nossos).

Observa-se que Bréal considera o aspecto criativo, a predisposição de se criar na língua a partir do conhecimento linguístico apreendido socialmente. É importante, porém, ter em mente que o indivíduo não será capaz de nada modificar por si só. Esse aspecto criativo, segundo o autor, também está presente na analogia<sup>14</sup>. Bréal afirma que “nós somos ativos em todos os momentos da produção da fala” (Bréal, 2008, p.204), e, ao operar a analogia, se está criando a partir da língua, seja uma criança ou “o homem iletrado que nunca conjugou um

---

<sup>13</sup> Para Benveniste, “Se a língua é um instrumento de comunicação ou o instrumento da comunicação, é porque ela está investida de propriedades semânticas e porque ela funciona como uma máquina de produzir sentido, em virtude de sua própria estrutura” (PLG II, p.99).

<sup>14</sup> Flores (2012) observa que, no CLG, Saussure aponta o processo de analogia como ação criadora do falante, e não como mudança linguística. Pode-se se aproximar, então, as ideias de Bréal e do linguista genebrino.

verbo e que não sabe o que se compreende por verbo” (Bréal, 2008, p.204). Apesar de o falante criar a partir da língua, Bréal ressalta que “lançamos nossas ideias, logo que as concebemos distintamente, no molde fornecido pela fala” (Bréal, 2008, p.204). Antes da língua, vem a fala, que será apreendida pelos ouvintes, visto que é sempre para outro que o falante está se dirigindo<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> No capítulo “Objeto da linguística” (CLG) Saussure também coloca a fala como anterior à língua. Retomaremos esta discussão nas considerações finais deste trabalho, quando aproximarmos Bréal, Saussure e Benveniste.

## 2 SAUSSURE: A SUBJETIVIDADE PELA FALA

Frente ao vasto corpus saussuriano que hoje temos à disposição, trabalharemos somente com o *Curso de Linguística Geral*, fruto das aulas de Saussure na Universidade de Genebra, conforme exposto na introdução. Por ser uma obra póstuma, há de se ter em mente algumas particularidades, principalmente com relação às considerações sobre a fala no CLG, devido ao objetivo deste estudo.

Como observou Flores (2012, p.188), “sempre que essa noção [de fala] é evocada no CLG é para contrastá-la com outra noção: ou é contraposta à língua, ou à língua/linguagem. A fala, então, parece ter tão somente um papel lateral no CLG. Será assim mesmo?”. No decorrer do artigo, Flores discorre sobre o programa de uma linguística da fala, defendendo o lugar da fala nos estudos saussurianos, o que vai de encontro às críticas das quais o *Curso* é alvo quando se considera que Saussure a exclui como objeto da Linguística. Concordamos com a posição de Flores, ao vislumbrar o lugar do falante nos estudos de Saussure.

Começemos, então, pela definição do objeto de estudo do linguista.

### 2.1 O objeto do linguista

Em “O objeto da Linguística”, Saussure se propõe a circunscrever o objeto “integral e concreto” da Linguística, salientando que, na realidade, “é o ponto de vista que cria o objeto” (CLG, p.15). Esta afirmação abre caminhos para se considerar o lugar da subjetividade na ciência, e será retomada para repensarmos o lugar do falante em Saussure. Neste capítulo, parte-se da definição de *língua*, que será relacionada aos conceitos de *linguagem* e de *fala*:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o **exercício dessa faculdade nos indivíduos** (CLG, p.17, grifos nossos).

Saussure parte do conceito de língua como sistema organizador, principal sistema dentro das possibilidades simbólicas do homem (linguagem). Percebemos, aí, a preocupação primeira de Saussure de distinguir língua (principal sistema de signos) de linguagem (faculdade humana). No entanto, é evidente o quanto o terceiro elemento – fala – aparece

como constitutivo dos outros dois<sup>16</sup>. Ou seja, se a língua atualiza *o exercício da faculdade humana* da linguagem, ela só o faz via fala. Se esse fato simbólico se dá no *domínio do individual*, isso só é possível através da apropriação que cada falante faz do tesouro da língua. Note-se, aí, o relevo do falante em Saussure. Aquele que fala, quem emprega a língua, longe de ser excluído, tem sua presença imprescindível. É a partir dessa indissociabilidade entre linguagem, língua e fala que vemos uma brecha para a consideração de sujeito: por via da fala. É importante salientar, entretanto, que Saussure não desenvolve categoria teórica de sujeito, mas, ao fazer referências ao falante no ato de fala, permite que nos autorizemos a pensar no sujeito falante em Saussure.

O circuito da fala exposto nesse mesmo capítulo (CLG, p.19) estabelece a relação inseparável entre língua e fala, ao destacar que “para achar, no conjunto da linguagem, a esfera que corresponde à língua, necessário se faz colocarmo-nos diante do ato individual”, ou seja, a fala deve ser considerada para que se possa chegar à língua, sistema de signos. Apesar de a fala ser individual no nível de execução, para que o circuito da fala se complete é necessário ao menos dois indivíduos, que farão uso da mesma língua. A partir daí, o limite do individual se dilui, visto que o ato de fala já entra na esfera do coletivo. O circuito de fala, assim, dependerá do estabelecimento da relação entre os indivíduos *A* e *B*, em que “reproduzirão - *não exatamente*, sem dúvida, mas aproximadamente - os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos" (CLG, p.21, grifos nossos). Vamos ater-nos a esta observação.

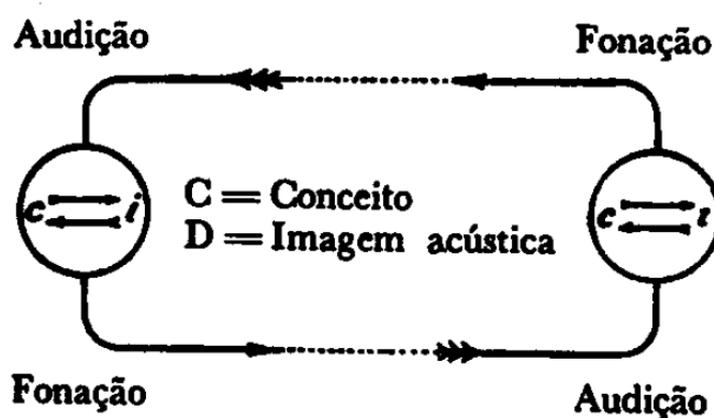
### 2.1.1 A relação falante/ouvinte no CLG



Falante-ouvinte (CLG, p.19)

<sup>16</sup> Em vez de uma leitura binária, como a proposta por leituras estruturalistas do CLG, talvez seja mais produtivo operar uma leitura trinitária que considera *língua, fala, linguagem*, conforme proposta de Dufour em *Os mistérios da trindade* (2000). No entanto, a ideia do pensamento trinitário não será desenvolvida neste trabalho.

Ao considerar a fala um ato individual, logicamente regrado pelo sistema da língua, Saussure ressalta que o falante utilizará a língua de forma singular. Como vemos na figura acima, *A* e *B* são ora falante ora ouvinte, e um depende do outro. *A* e *B* poderão fazer uso da mesma imagem acústica atrelada ao mesmo conceito<sup>17</sup>, no entanto, isto não faz com que a fala de *A* e *B* sejam idênticas, mas aproximadas. Certamente, pode-se pensar que não é apenas uma questão do nível de execução (do ato da fonação em si). A particularidade da fala está intrinsicamente ligada ao sujeito falante, que não é ignorado no CLG. Nota-se, também, que há uma relação necessária de intersubjetividade<sup>18</sup>, ilustrada basicamente pela imagem acima – onde *A* e *B* intercalam-se como falante-ouvinte; e pelo esquema abaixo, visto que a percepção auditiva por *B* é posta como essencial para a produção de *A*, salientando-se a reversibilidade dos atos de fonação e audição<sup>19</sup>:



*Circuito da fala (CLG, p.20)*

A fala a *B*, *B* escuta *A*, *B* toma a palavra e assim sucessivamente. Cada falante faz uso de um sistema comum, o sistema da língua, mas a execução da fala “jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor” (CLG, p.21). A língua, no entanto, só está completa se considerada toda a sua massa de falantes – algo inapreensível. É no uso que a língua toma existência, afinal, o signo é “social por natureza” (CLG, p.25).

Jacques Coursil (2000) desenvolve importantes observações acerca de língua e fala para Saussure. Para ele, é preciso considerar que para cada sujeito que está falando, há alguém que está ouvindo, mesmo que seja a mesma pessoa. O pesquisador defende que o

<sup>17</sup> Apesar de utilizarmos o termo “mesmo”, sabemos que a igualdade é apenas aparente.

<sup>18</sup> É importante ressaltar que o termo ‘intersubjetividade’ é fruto de nossa interpretação do esquema do CLG; o termo não está presente em Saussure.

<sup>19</sup> Jacques Coursil, em *La fonction muette du langage* (2000), desenvolve importantes observações acerca da relação falante/ouvinte em Saussure. As ideias desse pesquisador nos ajudarão a buscar o lugar do falante no CLG.

ouvinte é quem corresponde à função da língua, a qual chama de “função muda da linguagem”<sup>20</sup>. Acompanhando sua reflexão, não somente a relação entre sujeitos é crucial: é o ouvinte quem ganha um papel de destaque no mecanismo da língua. Por esta perspectiva, o ouvinte é o responsável por dar sentido à fala. Concordamos com as observações de Coursil, visto que, como vimos acima, a relação entre falante e ouvinte é necessária para que se produza sentido na língua.

### 2.1.2 Indissociabilidade entre língua e fala

A discussão sobre a interdependência entre língua e fala é também explorada no capítulo “Mutabilidade e imutabilidade do signo”. Ao expor a questão da particularidade da língua frente a outras instituições sociais, Saussure afirma que a língua é “tarefa de toda a gente; *difundida por uma massa e manejada por ela*, é algo de que todos os indivíduos se servem o dia inteiro (...) e é por isso que ela sofre sem cessar a influência de todos (CLG, p.88, grifos nossos). Como separar, então, língua e fala? Escolher um caminho é apenas da ordem metodológica, e para fazer uma “linguística da língua” a fala será convocada inevitavelmente. Busca-se precisar os limites entre a ordem individual e social da língua, para que se compreenda o objeto da linguística.

Conforme Saussure, “um indivíduo não somente seria incapaz, se quisesse, de modificar em qualquer ponto a escolha feita, como também a própria massa não pode exercer sua soberania sobre uma única palavra: está atada à língua tal qual é” (CLG, p.85). Essa indissociabilidade é inevitável: mesmo no caso de línguas artificiais, que pertencem a um criador, a língua perde suas amarras no momento em que entra em circulação – não há mais alguém que domina a língua, e um indivíduo não será mais capaz de criar ou modificar a língua caso a massa de falantes não aceite essas alterações – “desde o momento em que ela [a língua] cumpre sua missão e se torna posse de todos, foge-lhe ao controle” (CLG, p.91). De fato, a língua só passa a existir quando pertence a uma massa falante: “Em nenhum momento, e contrariamente à aparência, a língua existe fora do fato social, visto ser um fenômeno semiológico” (CLG, p.92), que está sempre pré-disposto a mudanças, visto que as forças sociais – o emprego da língua – atuam sobre o sistema, estabelecendo-se, assim, o princípio de continuidade, que anula a liberdade (CLG, p. 93). A alteração das línguas está ligada,

---

<sup>20</sup> Tradução livre de “fonction muette du langage”.

portanto, a este princípio de continuidade, visto que a língua necessariamente descola-se no tempo e muda-se os falantes.

Lembremos que Saussure prometia aos alunos do terceiro curso um quarto cujo programa privilegiaria a *linguística da fala*. Como os organizadores do *Curso* salientam, a ausência de um aprofundamento não pôde ser cumprida. Mesmo sendo apenas esboçada em relação às noções de língua e linguagem, a fala é noção fundamental e indispensável no CLG, e merece um estudo detido à procura do lugar do falante na linguística saussuriana. Em “Linguística da língua e linguística da fala”, Saussure aponta que “a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça” (CLG, p. 27), e com a finalidade de melhor ilustrar a diferença básica entre estes conceitos, duas fórmulas são apresentadas ao leitor do *Curso*:

<b>LÍNGUA</b>	$1 + 1 + 1 + 1... = I$ (padrão coletivo)
<b>FALA</b>	$(1 + 1' + 1'' + 1'''...)$
<i>Língua e Fala (CLG, p. 27-28)</i>	

Língua, portanto, é representada como a somatória do que cada falante possui internamente como sistema de signos, que faz parte de um padrão coletivo sobre o qual o indivíduo não exerce influência. A fala, por outro lado, é de domínio de cada falante, portanto, sua expressão é variável de acordo com a sua vontade (sempre dentro do sistema da língua). Ressaltamos, assim, a afirmação de que “nada existe, portanto, de coletivo na fala; suas manifestações são *individuais e momentâneas*” (CLG, p. 28, grifos nossos). Logo, podemos concordar que o ato de fala tem sua realização única no exato momento em que o indivíduo faz uso da palavra – é um ato efêmero, e neste sentido não é passível de análise direta; é a língua, por isso, o objeto concreto da linguística saussuriana, o que não significa de maneira alguma que a fala é excluída, visto que ambas possuem uma relação de interdependência. A proposta no início do capítulo é clara: é preciso sair do domínio individual, “embrião da linguagem”, para abordar o fato social (CLG, p. 21).

As relações entre língua e fala remetem-nos também aos pontos de vista sincrônico e diacrônico explorados por Saussure. No capítulo “Linguística estática e linguística evolutiva”, o linguista, apesar de afirmar que “a sincronia conhece somente uma perspectiva, a das pessoas que falam, e todo o seu método consiste em recolher-lhes o testemunho” (CLG, p.106), coloca também a fala como fundamental considerando-se a diacronia: “*Tudo quanto*

*seja diacrônico na língua, não o é senão pela fala*” (CLG, p.115). Novamente, deparamo-nos com conceitos indissociáveis, apesar das suas distinções. Assim como língua e fala não podem ser separadas a não ser didaticamente ou metodologicamente, o mesmo acontece quando o linguista deve escolher entre o método sincrônico ou diacrônico.

Sobre a importância inegável atribuída por Saussure à fala, lemos, no mesmo capítulo:

**É na fala que se acha o germe de todas as modificações:** cada uma delas é lançada, a princípio, por um certo número de indivíduos, antes de entrar em uso. O alemão moderno diz: *ich war, wir waren*, enquanto o antigo alemão, do século XVI, conjugava: *ich was, wir waren* (o inglês diz ainda: *I was, I were*). Como se efetuou essa substituição de *was* por *war*? Algumas pessoas, influenciadas por *waren*, criaram *war* por analogia; era um **fato de fala**; esta forma, frequentemente repetida e aceita pela comunidade, tornou-se um **fato de língua**. Mas todas as inovações da fala não têm o mesmo êxito e, enquanto permanecerem individuais, não há por que levá-las em conta, pois o que estudamos é a língua; **elas só entram em nosso campo de observação no momento em que a coletividade as acolhe** (CLG, p.115, grifos nossos).

Mais uma vez, vê-se que a fala não é excluída dos estudos saussurianos. O linguista deve partir do falante, do emprego da língua. O que acontece, como pode-se ler na passagem acima, é que a mudança ocorre primeiramente na fala, que é individual; portanto, nada se altera na ou pela língua. Essa criação por si só não é objeto de análise do linguista, visto estar no domínio do indivíduo. Assim que a criação é aceita pela massa falante, esta passa a fazer parte do tesouro da *língua*, e por isso é objeto de estudo do linguista. A *fala* interessa na medida em que já não é mais fala, pois extrapola a esfera do individual, abarcando a coletividade, o que transforma o “fato de fala” em um “fato de língua”. Novamente, vê-se a interdependência e indissociabilidade entre língua/fala.

Flores, no artigo “Mostrar ao linguista o que ele faz’: as análises de Ferdinand de Saussure” (FIORIN et al, 2013), destaca o aspecto da criação do falante no processo de analogia, o que faz revermos as reflexões saussurianas como dando lugar ao sujeito que fala: “A pergunta que resta é, então: como o linguista pode lidar com o potencial vivo e criativo da língua? Mantendo-se do lado do falante” (op. cit. p.84), visto que, para Saussure, “um fato de evolução é sempre precedido de um fato, ou melhor, de **uma multidão de fatos similares na esfera da fala**” (CLG, p.115, grifos nossos). A língua, portanto, não é delimitada *a priori*: “é uma massa indistinta na qual só a **atenção** e o **hábito** nos podem fazer encontrar os elementos particulares” (CLG, p.120, grifos nossos).

Como ressaltamos anteriormente, não há, no CLG, uma discussão sobre a categoria teórica de sujeito – esta é uma relação possível a partir da consideração do falante no

exercício da língua. A noção de subjetividade pode ser vislumbrada a partir da fala, que sempre é dirigida a um outro, responsável pela percepção que dará sentido à língua. Além disso, lembremos que a fala não será igualmente utilizada e executada por cada falante – por ser particular, está imersa na singularidade. É justamente este aspecto singular e único que abre portas para a consideração do lugar do sujeito na língua. As considerações de Ferdinand de Saussure, portanto, estão longe de serem lineares ou simplistas. Cada conceito está vinculado a vários outros, e no CLG há constantemente modalizações que chamam a atenção para a incompletude das exemplificações fornecidas pelo linguista, visto a impossibilidade de se abarcar todo o complexo fenômeno que é a linguagem.

### **3 BENVENISTE E O HOMEM NA LÍNGUA**

A subjetividade na linguagem foi assumidamente trabalhada por Émile Benveniste, cujo trabalho inspirou filósofos e psicanalistas (Flores et al., 2009, p. 243), além de influenciar inúmeros linguistas. Inscrito na linguística da enunciação, Benveniste considera a subjetividade na linguagem a partir de marcas linguísticas impressas no emprego da língua: a enunciação é o ato mesmo de se produzir um enunciado pela apropriação, sempre individual e particular, da língua, conforme veremos mais adiante. Nos *Problemas de Linguística Geral* (PLG), Benveniste explora noções fundamentais para o estudo da subjetividade, lançando mão dos conceitos de intersubjetividade e categoria de pessoa. Estas noções merecem especial atenção. Trabalharemos a partir das considerações de alguns capítulos, que circunscrevem-se nos estudos do homem na língua. Do PLG I, levaremos em conta os capítulos “Estrutura das relações de pessoa no verbo”; “A natureza dos pronomes”; e “Da subjetividade na linguagem”. Quanto ao PLG II, para vislumbrarmos a teoria da enunciação benvenistiana, retomaremos os capítulos “O aparelho formal da enunciação”; e “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”.

#### **3.1 Benveniste e os princípios da enunciação**

A enunciação, para Benveniste, é o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (PLG II, p.82). Considerando esta observação, presente no capítulo “O aparelho formal da enunciação”, vê-se a relevância da apropriação da língua pelo indivíduo, visto que a enunciação é o próprio ato de se produzir um enunciado, e o emprego da língua dependerá da relação sujeito-língua, determinante dos “caracteres linguísticos” presentes no ato enunciativo (PLG II, p.82). Neste capítulo, Benveniste afirma que o processo da enunciação pode ser estudado, principalmente, sob três aspectos: o da realização vocal da língua; da semantização da língua; e do quadro formal de realização da língua, que é a proposta de Benveniste no referido texto.

Quanto ao aspecto vocal, Benveniste não se afasta de Saussure ao dizer que “cada um sabe que, para o mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente, e que a noção de identidade não é senão aproximava, mesmo quando a experiência é repetida em detalhe” (PLG II, 82-83). Acima, vimos que no CLG o linguista genebrino ressaltava a

questão da impossibilidade de reprodução exata da fala – os falantes de uma mesma comunidade linguística “reproduzirão - *não exatamente*, sem dúvida, mas aproximadamente - os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos” (CLG, p.21). Para Benveniste, as diferenças da realização vocal da língua se dão em decorrência da “diversidade de situações” (PLG II, 83) em jogo no ato enunciativo. Já a semantização da língua se refere a “ver como o ‘sentido’ se forma em ‘palavras’” (PLG II, p.83). O foco, porém, é esboçar os caracteres formais da enunciação, a partir da apropriação individual da língua, convertida em discurso. Para isso, Benveniste irá considerar, respectivamente: “o próprio ato [enunciativo], as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização” (PLG II, p.83).

No centro deste quadro formal está o locutor:

*Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge o ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno (PLG II, p.83-84, grifos nossos).*

Esta passagem de Benveniste lembra-nos o conceito de “pensamento-som” presente no CLG. Antes do emprego, a língua não está delimitada; é no uso propriamente dito que “o pensamento, caótico por natureza, é forçado a precisar-se ao se decompor” (CLG, p.131), pois o falante, pela apropriação, torna o que eram massas amorfas em unidades com forma e sentido. Essa apropriação, além disso, sempre dependerá de um sujeito instaurado em uma alocação: o “tu”, pessoa verbal não-subjetiva que se inverte em pessoa subjetiva “eu” – como podemos ver na seguinte passagem de Benveniste: “desde que ele se declare locutor, e assume a língua, ele implanta o *outro* diante de si” (PLG II, p.84). Eis o fundamento do ato enunciativo: o processo de apropriação da língua – “o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual se não realizando-o pela inserção do discurso no mundo” (PLG II, p.85).

Essa relação com o mundo se dá pela necessidade de o locutor referir pelo discurso. Enunciar é colocar o outro diante de si, em uma relação que se dá pela referência e correferência no ato enunciativo:

*O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um *jogo de formas específicas cuja função é colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação* (PLG II, p.84, grifos nossos).*

Além de estar em relação necessária com seu próprio ato enunciativo, o locutor, obrigatoriamente, estará instaurando um alocutário – o *tu* necessário para que *eu* produza

sentido. Se estabelece, assim, a estrutura dialógica do que Benveniste chama de quadro figurativo da enunciação. O *eu* é origem, o *tu*, seu fim, sendo que estes papéis são sempre reversíveis – cada vez um será o protagonista da enunciação no momento em que emprega a língua (PLG II, p.87). Instaure-se, a partir desse quadro figurativo, a necessidade da intersubjetividade para que o falante passe a ser sujeito.

A singularidade é uma palavra chave na teoria da enunciação de Benveniste, e abordá-la, segundo Flores, “é tocá-la pelo que resiste a estar na repetição, mas que a constitui em cadeia, e isso não se faz sem convocar a língua do outro, sem enunciar” (FLORES, 2005, p.137).

### 3.2 Subjetividade na língua: singularidade do dizer

Benveniste define a subjetividade como “a capacidade de o locutor para se propor como ‘sujeito’” (PLG I, p. 286), conceituando a linguagem como a “possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas a sua expressão” (PLG I, p. 289). Sendo assim, a subjetividade não pode ser dissociada do ato enunciativo, pois este depende de um sujeito, de um tempo e de um espaço que são singulares e irrepetíveis. Esta singularidade está atrelada à ideia de instância discursiva. A apropriação da língua torna a linguagem instância do discurso, “caracterizada por esse sistema de referências internas cuja chave é *eu*, e que define o indivíduo pela construção linguística particular de que ele se serve quando se enuncia como locutor” (PLG I, p. 281). Assim, é o uso da linguagem pelo indivíduo o responsável pela conversão da linguagem em discurso: “é identificando-se como pessoa única pronunciando *eu* que cada um dos locutores se propõe alternadamente como ‘sujeito’” (PLG I, p.281). Essa reversibilidade é particular às pessoas do discurso *eu* e *tu*, que estão em relação de alocação. Flores chama atenção para o fato de que, em Benveniste, “o fundamento da subjetividade é dado pela categoria de pessoa” (2013, p. 107).

No artigo “Estrutura das relações de pessoa no verbo” (1991, p.247) Benveniste esclarece as diferenças entre *eu*, *tu* e *ele*. *Eu* e *tu* fazem referência ao momento da alocação: é *eu* a pessoa que enuncia ‘eu’ na presente instância discursiva, enquanto *tu* é o indivíduo alocutado por *eu* na instância de discurso que contém ‘tu’. ‘Ele’ está fora da relação de alocação, por isso não pertence à categoria de pessoa. A referência dos pronomes não se dá em relação a um objeto específico do mundo, exterior à enunciação – a referência se dá no ato mesmo de enunciar; é a referência interna do discurso. Levando-se em conta a relação de

referência e correferência, ‘eu’ e ‘tu’ são pessoas; já ‘ele’ é não-pessoa. ‘Eu’ é pessoa subjetiva, enquanto ‘tu’ é pessoa não subjetiva; *eu* e *tu*, portanto, fazem parte de uma relação intersubjetiva, enquanto *ele* está fora dessa relação de subjetividade e também da categoria de pessoa, visto que ele está fora da relação de alocação: “a ‘terceira pessoa’ tem por característica e por função constantes representar, sob a relação da própria forma, um invariante não pessoal, e nada mais que isso” (PLG I, p. 254). Assim, estamos de acordo com Flores, quando ressalta que a “noção de pessoa é, ela mesma, constituída pela reciprocidade: o dizer que implica a subjetividade também implica a intersubjetividade” (2013, p.108).

Em “A natureza dos pronomes” (PLG I, p.277), Benveniste retoma a discussão sobre as categorias de pessoa e sua importância no que se refere à expressão da subjetividade na linguagem. Por isso, é importante compreender a particularidade da natureza dos pronomes em relação a outros termos da língua. Segundo Benveniste,

os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos. Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamamos “instâncias do discurso”, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor” (PLG I, p.277).

Assim, os pronomes estão atrelados às instâncias discursivas, e a condição de emprego desses pronomes, particularmente do *eu*, determinará a forma de outros indicadores linguísticos. A referência, assim, se dará de forma singular, visto que depende do emprego da língua por um falante que, ao apropriar-se de *eu*, está se apropriando de toda a língua. Este é o caráter particular dos pronomes:

as instâncias de emprego de *eu* não constituem uma classe de referência, uma vez que não há ‘objeto’ definível como *eu* ao qual se possam remeter idênticamente essas instâncias. Cada *eu* tem sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal (PLG I, p.278).

Os pronomes, então, referem-se a uma realidade discursiva: “a forma *eu* só tem existência linguística no ato de palavras que a profere” (PLG I, p.279). Benveniste exemplifica a particularidade das instâncias de discurso a partir de outros indicadores dêiticos, como demonstrativos, advérbios e locuções adverbiais. Visto que a dêixis é “contemporânea da instância de discurso que contém o indicador de pessoa” (PLG I, p.280), cada emprego da língua será singular, pois fará referência a própria instância discursiva; é a propriedade de se poder remeter à instância de discurso que permite ao locutor a apropriação da língua.

Considerando, então, a retomada acima, entende-se que ‘ele’, antes visto como pronome pessoal, é na verdade caracterizado como não-pessoa, em decorrência de suas diferenças em relação aos pronomes pessoais ‘eu’ e ‘tu’: ‘ele’ possui quatro propriedades particulares, apontadas por Benveniste (PLG I, p.283): pode combinar-se com qualquer referência de objeto; além disso, não faz referência à instância de discurso; pode comportar-se como variante pronominal ou demonstrativa; e não é compatível com o paradigma de outros indicadores referenciais (de tempo, lugar, etc).

Em “Da subjetividade na linguagem”, Benveniste faz considerações fundamentais para o presente trabalho. Neste escrito, o linguista coloca o homem em relação inseparável da linguagem, que jamais é vista como fabricação ou invenção do homem:

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (PLG I, p.285).

Está dado, aí, o caráter complexo e indissociável entre o sujeito e a língua. A palavra, para Benveniste, é a atualização da linguagem, e é esta que permite a subjetividade. Retomando as considerações feitas nos artigos citados anteriormente, o linguista salienta que o fundamento da subjetividade é determinada pelo “*status* linguístico de ‘pessoa’” (PLG I, p.286), visto que “a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste” (PLG I, p.286), ou seja, na relação intersubjetiva entre um sujeito que diz ‘eu’ a um ‘tu’. O princípio da intersubjetividade é basilar na teoria enunciativa benvenistiana – é a condição dialógica responsável por constituir a própria noção de pessoa (eu-tu): para o autor, “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso” (PLG I, p.286).

Benveniste reforça a relevância do caráter subjetivo dos pronomes pessoais, ao afirmar que “uma língua sem expressão da pessoa é inconcebível” (PLG I, p.288). A língua precisa da expressão pessoal, visto que é a partir daí que o locutor pode apropriar-se da língua referindo-se a um ‘eu’ único e singular, que é a pessoa mesmo que fala. Sendo assim, “o fundamento da subjetividade está no exercício da língua” (PLG I, p. 288). Para exemplificar o caráter subjetivo da primeira pessoa verbal, Benveniste disserta a respeito das diferenças de sentido em alguns verbos quando mudamos da primeira pessoa verbal para a não-pessoa ‘ele’: “quando incluo no meu discurso *je suppose, jé presume*, implico o fato de que tomo certa atitude quanto ao enunciado que se segue” (PLG I, p.291).

*Je jure*, ou “eu juro”, não é a descrição de um ato, mas o próprio ato de fazer um juramento. Se mudarmos a pessoa, como em “ele jura”, não é mais a enunciação o próprio ato de jurar, mas a descrição do ato. Pode-se afirmar, então, que a enunciação, no caso de *je jure*, é a própria ação – “essa condição, porém, não se dá no sentido do verbo: é a ‘subjatividade’ do discurso que a torna possível”. (PLG I, p.292). Estas observações lembram-nos o elemento subjetivo de Bréal (cf. acima 1.2), particularmente quando estabelece uma divisão entre subjatividade e objetividade. A objetividade sobre a qual Bréal fala está relacionada ao caráter de descrição de um fato – exemplificada por Benveniste com o pronome ‘ele’ – enquanto a subjatividade está associada à tomada de posição pelo falante, ou à própria ação do falante, que age ao enunciar – caso do exemplo com o pronome pessoal ‘eu’. Em “O elemento subjetivo”, Bréal não se atém no exemplo com verbos (apenas com modos verbais), no entanto, acreditamos que a aproximação pode ser feita.

### 3.2.1 *O homem na língua – um objeto a ser descoberto*

Em “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, Benveniste declara: “a linguagem exige e pressupõe o outro”, por isso “a sociedade é dada com a linguagem” (PLG II, p.93). Novamente, deparamo-nos com conceitos que se dão em relação: não podemos separar o homem da linguagem, visto que são indissociáveis na sua própria concepção. Temos, assim, uma complexa relação entre linguagem, sociedade e sujeito. O homem está na linguagem e não existe fora dela. No decorrer do capítulo, Benveniste compara língua e sociedade, mas salienta, desde o início, que ambas “naturalmente são grandezas não isomórficas, vê-se logo na diferença que as separa em sua organização estrutural” (PLG II, p.95), e tem consciência de que abordar esta relação é uma longa tarefa, visto que “temos aí duas realidades imensas cuja complexidade não acabamos de explorar” (PLG II, p.95). O linguista está considerando, aqui, sociedade como coletividade humana, “base e condição primeira da existência dos homens”; e língua “como sistema de formas significantes, condição primeira da comunicação” (PLG II, p.96). Considera, então, língua e sociedade em um nível fundamental, e não histórico (que seria o caso da língua como idioma – francês, inglês etc; e sociedade como dado empírico, histórico – sociedade francesa, inglesa etc).

Benveniste, a partir disso, passa a explorar as aproximações e a indissociabilidade entre língua e sociedade no nível fundamental:

Língua e sociedade são para os homens realidades inconscientes, uma e outra representam a natureza, se assim se pode dizer, o meio natural e a expressão natural, coisas que não podem ser concebidas como outras que não são e que não podem ser imaginadas como ausentes. **Uma e outra são sempre herdadas, e não se imagina no exercício da língua e na prática da sociedade, neste nível fundamental, que tenha podido existir um começo tanto em uma quanto em outra.** Nem uma nem outra podem ser mudadas pela vontade dos homens (PLG II, p.96, grifos nossos).

Uma só existe a partir da existência da outra, e ambas são heranças da cultura. Para o estudioso, a língua age como um “poder coesivo” (PLG II, p.97), responsável por interpretar a sociedade: “em primeiro lugar, a língua é o interpretante da sociedade; em segundo lugar, a língua contém a sociedade” (PLG II, p.97)<sup>21</sup>. A subjetividade, nestes termos, instaura-se na relação do homem na língua, que está sempre em relação com outro homem, inseridos na cultura:

É na prática social, comum no exercício da língua, nesta relação de comunicação inter-humana que os traços comuns de seu funcionamento deverão ser descobertos, pois o homem é ainda cada vez mais um objeto para ser descoberto, na dupla natureza que a linguagem fundamenta e instaura nele (PLG II, p.104).

Quanto à dupla natureza relacional da língua, Benveniste faz referência ao que chamou de “funcionamento subjetivo e referencial do discurso” (PLG II, p.101), retomando a distinção das relações entre: 1ª oposição “eu-tu”; 2ª oposição “eu-tu”/“ele”. A primeira oposição, segundo o linguista, ocorre, exclusivamente, de forma inter-humana; a segunda oposição opõe a pessoa (“eu”) à não-pessoa (“ele”), responsável por efetuar a operação de referência que possibilita o discurso sobre o mundo, ou sobre o que está fora da alocação. O aspecto fundamental da subjetividade encontra-se na observação fundamental de que, nas palavras de Benveniste,

Para cada falante o falar emana dele e retorna a ele, **cada um se determina como sujeito com respeito ao outro ou a outros.** Entretanto, e talvez por causa disto, **a língua que é assim emanação irreductível do eu mais profundo de cada indivíduo é ao mesmo tempo uma realidade supraindividual e coextensiva à toda a coletividade** (PPLG I, p.101, grifos nossos).

A capacidade para se propor como sujeito no ato de fala possibilita a singularidade de cada falante, e ao mesmo tempo faz parte de um mecanismo de referência que permite que

---

<sup>21</sup> Em decorrência da complexidade da exposição de Benveniste e da delimitação do presente trabalho, não nos aprofundaremos na aproximação entre estes dois conceitos – apenas partiremos da relação indissociável entre eles, proposta por Benveniste, para que se possa refletir sobre a subjetividade na linguagem.

todo o falante se aproprie do “eu”, já que “eu” faz referência não a um indivíduo particular, mas à instância discursiva, como apontamos anteriormente. Compreende-se porque Benveniste vê a língua como interpretante da sociedade, afinal, é a língua que possibilita a noção própria do homem, da sociedade e da subjetividade. Olhar para o funcionamento subjetivo e referencial do discurso permitiu que se refletisse sobre o homem na língua e a subjetividade inerente ao ato de enunciar. Certamente Benveniste reconhece, constantemente, a incompletude do estudo sobre a natureza da subjetividade na linguagem, apontando para a complexidade do homem e do quanto isso se reflete na multiplicidade de singularidades. No entanto, o empreendimento de suas reflexões abriu caminhos para uma nova maneira de se olhar para a subjetividade na linguística. É impossível fazer jus ao pensamento de Benveniste sem reler sua obra por completo, no entanto, espera-se que este trabalho contribua para os estudos sobre a subjetividade nas ciências da linguagem.

#### 4 A SUBJETIVIDADE NA LINGUÍSTICA: BRÉAL, SAUSSURE E BENVENISTE

Nos capítulos anteriores, vislumbramos, brevemente, a forma como a subjetividade foi abordada na linguística, a partir dos mestres Michel Bréal, Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste, respectivamente. Ao longo deste estudo, se pode observar que os três linguistas lidaram com a noção de subjetividade na linguagem, seja mais explicitamente, como em Bréal e Benveniste, seja mais nas entrelinhas de complexas relações entre língua, linguagem e fala, apontadas por Saussure. Retomaremos, assim, as relações entre os estudos destes autores, lembrando que cada abordagem possui suas particularidades, em decorrência de contexto histórico, propósitos, e do avanço dos estudos linguísticos desde Bréal a Benveniste.

Visto a impossibilidade de se abordar por completo toda e cada escrito dos estudiosos aqui trabalhados, selecionaremos os pontos sobre subjetividade na linguagem que consideramos mais relevantes no percurso que empreendemos neste trabalho.

Uma questão importante é o posicionamento de Bréal, Saussure e Benveniste no que se refere à defesa da linguística como pertencente às ciências humanas. Para Bréal, situado em um contexto em que a Linguística ainda não tinha seu objeto definido, ir contra a tendência de igualar os estudos da linguagem às ciências da natureza pode-se considerar como a defesa do lugar do homem na língua. Como vimos acima (cf. capítulo 1), Bréal fez questão de identificar os estudos linguísticos com a produção humana, que faz parte da cultura. Vincula, assim, a linguística às noções de sujeito, história e cultura, jamais abdicando do lugar da expressão da subjetividade efetivada por meio da língua: “a linguagem, que é a obra do homem, não poderá ficar do outro lado [das ciências naturais], e a linguística, como consequência necessária, fará parte das ciências históricas” (Bréal, 2008, p.168), já que, para o autor, cada mudança na língua é, ela própria, um acontecimento histórico.

Saussure, como sabemos, não se debruçou sobre a discussão do elemento subjetivo. Apesar disso, não deixa de considerar a subjetividade na linguagem, conforme procuramos demonstrar no decorrer deste trabalho (cf. capítulo 2). Com o intuito de delimitar o objeto da linguística, lança mão de conceitos que devem servir para definir este objeto – a língua – e é a partir da língua e da sua relação com a fala que o leitor do *Curso* depara-se com a subjetividade na linguagem. Como fundador da linguística moderna, e apesar de o senso comum afirmar o contrário, Saussure colocou a linguística no grupo das ciências sociais; posicionou-se contra, portanto, a relação da linguística com as ciências da natureza,

justamente por vislumbrar a complexidade do seu objeto de estudo. Para Saussure, portanto, “a língua é uma convenção e a natureza do signo convencional é indiferente. A questão do aparelho vocal se revela, pois, secundária no problema da linguagem” (CLG, p.18), referindo-se à associação que se empreendeu entre o aspecto fisiológico e as ciências naturais. A língua, para o mestre genebrino, é parte dos *factos humanos*, o que faz-nos lembrar da relação estabelecida por Benveniste entre “eu-tu”, exclusivamente *inter-humana*. Sendo assim, lembremos que “é mister uma *massa falante* para que exista uma língua” (CLG, p.92) – a língua jamais tem existência fora do *facto social*.

Benveniste, posterior aos outros dois, está inscrito em um contexto histórico no qual a linguística já estava instituída como ciência da língua. Seus estudos surgem, portanto, em contraposição a uma tendência de atenuação da condição do falante, a fim de se priorizar a análise dos elementos da língua em sua imanência. Benveniste, então, a partir de seus estudos sobre o homem na língua, buscou resgatar o lugar da subjetividade e da singularidade presentes no dizer de cada falante, que se apropria da língua para falar a outro sujeito em um aqui-agora sempre únicos. O linguista dá lugar, assim, ao que foge da regularidade, justificada na particularidade do ato mesmo de se produzir um enunciado. Sabemos que o linguista produziu intensamente, e que seus escritos não se resumem à enunciação. Sobre a amplitude dos estudos de Benveniste, Flores salienta: “Benveniste dialoga com todo o pensamento teórico de seu tempo, prova disso são os textos dedicados à filosofia, psicanálise, sociologia, antropologia, às teorias da cultura, da lógica etc.” (2013, p.22). Este rico diálogo com outras áreas certamente se reflete nas considerações do linguista sobre a subjetividade na linguagem, contribuindo largamente para o lugar da subjetividade na linguística.

Outro ponto de encontro entre os três linguistas diz respeito aos aspectos individual e social da língua. Bréal, como vimos acima, chama atenção para o fato de que a vontade individual do falante, ao operar uma criação na língua, não é capaz de avançar se esta não é aceita pela comunidade de falantes: “a proporção da força do indivíduo, comparada à força do conjunto, é maior” (Bréal, p.202). Saussure, ao delimitar a linguística da língua e a linguística da fala, coloca o individual no âmbito da fala e o social como parte essencial do que define como língua. Vislumbra-se, assim, uma relação fundamental de interdependência entre língua-fala, entre os aspectos social-individual: a língua é social, adotada pela massa falante, que permite o seu exercício de forma individual e singular pela fala. Inseparáveis, para Saussure, “a língua é *necessária* para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é *necessária* para que a língua se estabeleça (CLG, p.27, grifos nossos).

Benveniste, no lugar de estudioso do sujeito na língua, não deixará de lado, obviamente, a parte social da linguagem – aliás, é a transformação da língua em discurso o seu objeto<sup>22</sup>. Podemos observar a relação de interdependência entre o aspecto individual e social na própria discussão acerca da dupla natureza da língua: a de possibilitar a mais profunda individualidade na enunciação de “eu”, referindo-se a si mesmo como sujeito em relação a outro sujeito, que igualmente se apropria de “eu”, referindo-se ao outro como “tu”.

Tanto Saussure quanto Bréal e Benveniste propõem-se a estudar a língua (sistema de signos), sem deixar de lado o contexto linguístico, indo além da palavra isolada, ao considerar as relações associativas e as relações sintagmáticas – reflexão que nos leva ao valor. A teoria do valor descrita no *Curso* é de suma importância para que pensemos a respeito do sujeito falante, se lançarmos mão do seguinte questionamento: quem percebe o valor? O sujeito que fala e o sujeito que escuta. Isto jamais fora da própria noção de sistema linguístico, portanto, não é exterior às considerações do linguista. Sem o homem – ou sem a apropriação da língua pelo sistema, a língua não deixará de ser um conjunto de massas amorfas, aguardando a seleção e delimitação pelo falante. Bréal, em “O elemento subjetivo”, pensava na singularidade própria do falante ao lançar mão de determinadas formas linguísticas em detrimento de outras. Saussure, quando disserta sobre a relação falante-ouvinte, além de colocar a língua na dependência de uma comunidade de falantes, não menos considera o sujeito na língua, e atenta para o papel das relações sintagmáticas e associativas. Para Saussure, por exemplo, o eixo associativo é particularmente imprevisível, visto que “uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra. (...) os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada” (CLG, p.146). A importância do sujeito falante é, assim, ressaltada, visto que cada associação emergirá de um indivíduo. Benveniste, enfim, já coloca explicitamente a relação falante-ouvinte como necessárias para que o locutor passe a ser sujeito – a intersubjetividade é anterior (enquanto instância) à subjetividade: como vimos acima, “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem” (PLG I, p.285), e esta relação é indispensável para que a subjetividade se instaure pela apropriação, de cada locutor, do “eu” discursivo.

O aspecto singular do ato de fala igualmente é apontado pelos três linguistas, cujas observações aproximam-se de maneira similar, particularmente no que diz respeito à fala,

---

<sup>22</sup> É importante salientar que não se trata de um *a priori* ou de hierarquia, visto que as noções de língua e discurso são constitutivas uma da outra.

considerada no seu aspecto individual. Para os autores, é impossível que cada falante reproduza igualmente os sons da língua, ou até mesmo que unam o mesmo significado ao mesmo significante, correspondendo ao mesmo valor. Conforme observamos acima, para Benveniste, “a noção de identidade não é senão aproximada, mesmo quando a experiência é repetida em detalhe” (PLG II, 83), sendo que, para Saussure, os falantes reproduzirão, apenas de forma aproximada, “os mesmos signos<sup>23</sup> unidos aos mesmos conceitos” (CLG, p.21). A singularidade não se restringe ao ato de fonação, mas também à delimitação de sentido, diretamente ligada à forma única de cada falante se colocar no ato de fala, o que nos permite estabelecer esta relação com as afirmações de Bréal quanto à singularidade de cada falante, a partir do elemento subjetivo. Levar em conta a singularidade não exclui a regularidade, aspecto indispensável da língua.

Temos consciência das particularidades entre o pensamento de Michel Bréal, Ferdinand de Saussure e de Émile Benveniste. A reflexão proposta aqui pretende ser apenas o esboço de um estudo mais aprofundado, o qual poderá abranger outros escritos e outros autores tão importantes para se pensar sobre a subjetividade na linguística, como Whitney e Jakobson, apenas para citar alguns. Bréal, como se sabe, é um precursor dos estudos que abordam o sujeito falante, em uma época na qual se positivava as análises linguísticas em detrimento de um posicionamento teórico que buscava dar lugar à linguística nas ciências naturais. Saussure, já com outro propósito, buscou delimitar a linguística – sendo considerado, por isso, fundador da linguística moderna. Colocou a língua como objeto de estudo do linguista, e por isso, mesmo considerando a fala em sua complexidade e necessidade de estudo, acabou dando vazão a uma linguística que atenuou o lugar do falante em detrimento de uma linguística considerada em si mesma. Releitores, porém, abriram passagem para a discussão acerca do lugar do falante nas ciências da linguagem, e Benveniste exerceu papel fundamental neste sentido, principalmente por sua constante interlocução com outras áreas, e já sem a preocupação com a fundação do objeto desta ciência.

Finalizamos com o pensamento do mestre Émile Benveniste de que o homem é um objeto que convida-nos à constante descoberta. Empreender-se no estudo da subjetividade na linguagem é apenas um dos meios de se buscar compreender o laço fundamental entre homem, língua e sociedade.

---

<sup>23</sup> Nessa passagem do CLG, o termo “signo” está ligado à noção de “significante”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se, com este trabalho, realizar uma investigação sobre o conceito de subjetividade na linguagem explorado pela linguística a partir de estudos empreendidos por Michel Bréal, Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. Para isso, procuramos explorar alguns conceitos chave, que permitiram o esboço de uma reflexão acerca da presença fundamental do falante nos estudos linguísticos, e sua consequente contribuição para se pensar o papel da subjetividade e da singularidade de cada ato de fala.

De Bréal, levamos em conta, basicamente, seus escritos do *Ensaio de Semântica* a respeito do elemento subjetivo da língua (os quais serviram de inspiração para o estudo de Benveniste sobre a natureza dos pronomes), além de sua contribuição essencial ao situar as ciências da linguagem como parte das ciências humanas, visto a relação fundante entre língua, homem e história. Também procuramos explorar, no *Curso* de Saussure, a interdependência entre os conceitos de língua e fala, noção que pode possibilitar a consideração da subjetividade da linguagem em Saussure, por via da relação falante-ouvinte e pela consideração do aspecto coletivo e individual da língua e da fala, respectivamente – sem esquecer que estas noções são, igualmente, inseparáveis. Quanto ao estudo da singularidade de cada ato de fala a partir da reflexão sobre o homem na língua, partimos de alguns conceitos de Émile Benveniste nos seus *Problemas de Linguística Geral*, como as noções de pessoalidade, subjetividade, intersubjetividade e instância discursiva. Por fim, procuramos esboçar uma síntese das ideias desenvolvidas por estes três estudiosos da linguagem, suas aproximações e limitações com relação à época e propostas de trabalho.

Novamente, ressaltamos que o presente trabalho não buscou a exaustividade, visto a impossibilidade de sintetizar um tema tão abrangente como a subjetividade na linguagem. Não devemos esquecer que Bréal, Saussure e Benveniste produziram incansavelmente, e contribuíram de maneira incalculável para o desenvolvimento da linguística que hoje conhecemos. O que aqui procuramos observar são apenas recortes de um grande conjunto, que merece ser lido e retomado com cuidado. Esperamos, apesar de todas as limitações, contribuir de alguma forma para os estudos da linguagem, particularmente do homem na língua.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENVENISTE, Émile. *Problemas e Linguística Geral I*. Campinas: Pontes Editores, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Problemas e Linguística Geral II*. Campinas: Pontes Editores, 1989.
- BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica: teoria da significação*. Campinas, Editora RG, 2008.
- COURSIL, Jacques. *La fonction muette du langage*. Ibis Rouge Éditions, presses Universitaires Créoles, Guadeloupe, 2000.
- DUFOUR, Dany-Robert. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- FIORIN, José Luiz Fiorin et al (orgs). *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Sobre a fala no Curso de Linguística Geral e a indissociabilidade de Língua/Fala*. Em: FANTI, Maria da Glória di; BARBISAN, Leci Borges (Org.). *Enunciação e Discurso – tramas de sentidos*. São Paulo: Contexto, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Sujeito da enunciação: singularidade que advém da sintaxe da enunciação*. DELTA, São Paulo, v. 29, n.1, 2013. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502013000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502013000100005&lng=en&nrm=iso)>. Access on 29 Sept. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502013000100005>.
- \_\_\_\_\_. *Por que gosto de Benveniste?* Revista do PPG em Letras da Universidade de Passo Fundo - v.1 -n. 2 -p.127-138 - jul./dez. 2005.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.
- FLORES, Valdir do Nascimento et al. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SEIDE, Márcia Pavicius. *A Semântica de Michel Bréal: recontextualização, fortuna crítica e aplicação*. Tese de doutorado, USP. São Paulo, 2006.
- WHITNEY, William Dwight. *A vida da linguagem*. Trad. Marcio Alexandre Cruz, Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.